



DEUSA VIVA

Um informativo do Círculo de Mulheres Teia de Thea
Beltane - Maio de 2019 - nº241

Os Fogos de Beltane

Mirella Faur



MASTRO DE BELTANE (MAY POLE)

Beltane e seu oposto Samhain eram os dois maiores festivais da tradição celta, marcando o início do verão e do inverno e representando o casamento sagrado da Deusa e do Deus, a união do Céu e da Terra. Os Fogos de Beltane e o Mastro de Maio (May Pole) celebravam a abundância da terra com o início do verão. A Deusa e o Deus alcançaram o auge de sua vitalidade e vigor. O calor do Sol e a exuberância da natureza festejam sua paixão, culminando no Casamento Sagrado da Deusa da Terra com o Deus Verde da Vegetação, personificados em seus representantes: o Rei e a Sacerdotisa.

Apesar de ter sido celebrado por vários povos antigos com outros nomes, como os festejos de Florália e Bacanália, a Festa de Bona Dea e a Noite de Walpurgis, o atual nome deste Sabbat é

relacionado a Bel, o deus celta do fogo e da luz.

Os celtas acreditavam que este festival era regido pelo Povo das Fadas, ajudantes da Mãe Terra em sua tarefa de florescer e frutificar. O símbolo principal de Beltane era o Mastro; ao seu redor, os casais dançavam, trançando fitas vermelhas e brancas.

A simbologia é bem evidente: o símbolo fálico fertilizando o ventre da terra e as pessoas vivenciando, nos campos e nos bosques, a energia do amor sexual. Os casais pulavam sobre as fogueiras para atrair a boa sorte, a fertilidade ou a abundância. Homenageavam-se os representantes do Deus - o melhor dançarino - e da Deusa - a mais bonita das mulheres presentes, eleita a Rainha. Inúmeros encantamentos para a cura, amor e a prosperidade eram feitos nesta noite, colhendo-se e utilizando-se plantas sagradas

como o espinheiro branco e preto e o salgueiro, purificando-se os campos e os animais, Deixavam-se oferendas para o Povo das Fadas, pedindo-lhes a abertura da visão sutil e o conhecimento do uso mágico das ervas e pedras. A atmosfera deste Sabbat e de excitação celebração da sexualidade e da fertilidade, conscientização dos impulsos e das reais necessidades, harmonização e complementação dos opostos.

Os elementos ritualísticos deste Sabbat são o Mastro, um tronco de pinheiro onde dançarinos trançam fitas coloridas tradicionalmente vermelhas e brancas, atualmente podendo ser escolhidas em outras cores de acordo com a intenção mágica -, as guirlandas de flores e folhagens para os dançarinos, a "dança das fitas" e a fogueira, para purificar-se ou saltar sobre ela.

O Mito de Gerda e Frey

As gigantas são descritas nos mitos nórdicos como lindas e atraentes mulheres, corajosas e dotadas de poderes mágicos. Em razão de conhecerem o “*wyrd*” (o destino), algumas delas foram cultuadas com fervor mesmo depois da cristianização. A relação entre deuses e gigantes e seus eternos combates, pode ser vista como uma alegoria da conquista e da submissão da sociedade e dos valores matrifocais e geocêntricos pelos povos e deuses patriarcais e androcêntricos. Na Tradição Nórdica, a Terra era reverenciada como uma energia feminina, porém sempre disputada e conquistada, segundo contam todos os mitos que exaltam a vitória dos deuses sobre os gigantes e seu desejo pelas gigantas, cobiçadas por sua beleza, força física ou poder mágico. Muitas se tornaram amantes ou esposas dos deuses e algumas conquistaram seu status divino graças a essas alianças. Os deuses jamais subjugavam ou maltratavam as gigantas. Pelo contrário, elas eram respeitadas, desejadas e adoradas, e seus conselhos e auxílio eram muito valorizados.

Gerda (Gerd, Gerth, Gerdi) era filha dos gigantes Gymir e Aurboda e conhecida pela sua radiante beleza, pois quando caminhava, deixava um rastro de fagulhas e quando levantava seus braços irradiava uma luz brilhante sobre o céu, o mar e todos os mundos ao redor. A principal característica de Gerda era sua maneira reservada de se comportar e a sua firme recusa em se deixar coagir ou comprar com presentes. Como seu nome é também associado a *local cercado, templo*, a sua determinação em não ceder mostra o recolhimento no seu próprio espaço sagrado, simbolizando, assim, a preservação do *self*. Como giganta, Gerda tinha o potencial de manifestação do poder primal, caótico e destrutivo, que ela controlava e continha com maestria e domínio. Gerda não se deixava governar por impulsos e paixões, pois sabia como dominar o caos e por isso



ensinava com o seu exemplo, o respeito e a manutenção dos limites. Apesar de pouco estudada e conhecida, Gerda pode representar um arquétipo do Sagrado Feminino para orientar na manutenção da integridade feminina, no fortalecimento da autoestima, na lealdade aos próprios valores e no recolhimento interior.

Frey (Freyr, Frodhi, Fro, Yngvi ou Ing), era “O Senhor”, “O Fértil”, filho de Nerthus e Njord, irmão gêmeo de Freyja e regente de Alfheim, o reino dos elfos claros, responsáveis pelo crescimento e florescimento da vegetação. Frey era deus da fertilidade, da abundância e da paz, também chamado de “O Senhor da Luz”, tendo uma simbologia solar. Ele era extremamente benéfico para a Natureza e a humanidade, sendo invocado para trazer tempo bom, calor, fertilidade, prosperidade e paz. Possuía um tesouro inestimável, uma espada flamejante que desferia golpes apenas com comandos de voz, mas ele a entregou para Gerda como dote para que ela aceitasse casar-se com ele. Frey era cultuado com procissões anuais, sua estátua sendo levada em uma carruagem para abençoar os campos, os animais e as pessoas. Em seus templos, não era permitida a entrada de homens armados e, durante as procissões, todas as batalhas e hostilidades deviam ser interrompidas. Do culto de Frey faziam parte os rituais de fertilidade, cujo objetivo era despertar a terra e incentivar fartas colheitas e a procriação dos animais.

O grande destaque da vida de Frey foi seu amor exaltado por Gerda, a linda filha do gigante Gymir. Durante uma das peregrinações de Odin pelos mundos, Frey aproveitou a ausência e sentou-se no seu trono – Hlidskjalf – de onde sua vista alcançava todos os recantos e esconderijos dos nove mundos de Yggdrasil. Perscrutando Jötunheim, o reino dos gigantes, Frey avistou uma linda donzela, que irradiava uma luz dourada ao seu redor e era tão bela e encantadora, que ele ficou perdidamente apaixonado. Sua paixão era tão avassaladora que ficou “doente de amor”, pensando incessantemente nos braços resplandecentes de Gerda. Confessou seu amor e a firme intenção de casar com ela ao seu pai Njord e o pai, sabendo que era filha de gigantes, incumbiu o fiel auxiliar de Frey a persuadi-la para aceitar o casamento. Skirnir, o assistente de Frey, foi procurar a jovem giganta e pediu-lhe que se casasse com seu amo, mas Gerda recusou terminantemente o pedido. Skirnir tentou convencê-la oferecendo-lhe uma dúzia de maçãs douradas da juventude guardadas pela deusa Idunna, depois o anel mágico Draupnir, um dos tesouros dos deuses Aesir, mas em vão, pois Gerda não queria se casar com um deus, mesmo sendo ele o belo e bondoso Frey.

Devido aos fracassos dos pedidos e dos presentes recusados por Gerda e preocupado com o estado de tristeza e inércia de Frey, Skirnir passou às ameaças, primeiro de violência física, e

depois, do uso de encantamentos rúnicos. Ele ameaçou transformar Gerda em uma mulher feia, velha e devassa, obrigada a se casar com um gigante horrendo e com três cabeças, vivendo perto da entrada dos mortos no reino de Hel. Antes que Skirnir riscasse as runas de maldição, Gerda cedeu aterrorizada com os sombrios feitiços, mas pediu em troca um prazo de nove noites, a espada mágica e o cavalo de Frey, que ela entregou depois ao seu pai, primo do gigante Surt, que os usou no combate final de Ragnarök, lutando contra os deuses.

Frey conseguiu realizar o seu sonho de amor, mas perdeu a espada flamejante e o cavalo, o que o levou a lutar desarmado no Ragnarök contra os gigantes de fogo, portando apenas chifres de cervo, sendo por isso derrotado. A derrota possibilitou aos gigantes destruírem os Nove Mundos de Yggdrasil, conduzidos pelo triunfante Surt.

Antes de se casar, a giganta Gerda habitava uma casa simples de madeira, cercada de montanhas, em Jötunheim, de onde saiu para morar no faustoso palácio de Frey em Alfheim, adquirindo, pelo casamento, o status de deusa. Seu nome era associado com a terra, os lugares sagrados e os campos, e ela casou no bosque frondoso, onde estava latente o potencial criador da vegetação. O seu casamento foi a representação metafórica da união sagrada entre as forças geradoras celestes e a energia produtora da terra, do casamento sagrado entre o deus da fertilidade e a deusa da terra. Simbolizava-se assim o ciclo sazonal anual: a transformação da terra congelada e árida pelos rigores inverniais sendo aquecida pelos raios solares e desabrochando na primavera. Este evento era celebrado anualmente no hemisfério norte, com o Sabbat celta Beltane e as comemorações nórdicas e teutônicas do dia 1º de maio (Maj fest).

O Casamento Sagrado das Polaridades



O panteão das tradições antigas resultou na interação dos dois princípios cósmicos universais: o masculino, representado pelo Pai Céu, e o feminino, personificado pela Mãe Terra. O casamento sagrado desses dois polos gerou formas energéticas secundárias, polarizadas pela influência das forças telúricas, cósmicas, planetárias e dos fenômenos da Natureza. Quando modeladas pela egrégora mental de um conjunto racial, tribal ou grupal, essas energias se manifestam como arquetípicos divinos, imbuídos de características e atributos específicos e com apresentações e nomes que variam conforme o lugar de origem. A existência e a sobrevivência dos arquétipos de determinado panteão dependem da intensidade com que são cultuados e da duração desse culto. Sem essa conexão e nutrição recíproca, as matrizes etéreas enfraquecem-se e acabam desaparecendo com o passar do tempo. Apesar de as divindades dependerem da egrégora humana, elas não são mero fruto de nossa imaginação: são expressões reais de poderosos campos energéticos e vórtices de energia cósmica. Elas existem em uma realidade diferente do mundo tridimensional, chamada pelos xamãs de "nagual" ou "realidade incomum" (ou extra física), e tem o poder de existir e agir

independentemente da vontade humana.

Esses centros de energia cósmica, sutis e inteligentes, denominados divindades (sejam elas Deuses, vibrações originais, Devas ou Orixás), supervisionam o livre-arbítrio coletivo e auxiliam nas decisões tomadas pelos indivíduos, dentro dos limites, valores e regras do ambiente ao qual pertencem. Isso significa que eles não interferem no livre-arbítrio, nem agem contra os interesses do agrupamento humano que as "criou" e que continua "alimentando-as" por meio de invocações, oferendas, cultos e rituais.

Existe uma necessidade de intercâmbio energético permanente entre a origem e o resultado da criação, entre o criador e a criatura.

Uma divindade deixará de existir apenas quando não tiver mais nenhum ser humano que invoque sua presença ou acredite em sua existência. Quando isso ocorrer, o campo energético por ela representado não se extingue no espaço, mas se desloca ou volta a sua origem, podendo servir como substrato para a criação de um novo arquétipo, em lugar ou tempo diferente.

Os Deuses e as Deusas não são arquétipos estáticos, eles evoluem e se modificam de acordo com o progresso cultural e tecnológico e a trajetória espiritual humana. As mudanças na percepção e interpretação de suas manifestações e a compreensão expandida de seus atributos e funções levam à readaptação dos mitos e a sua adaptação às novas necessidades mentais, psicológicas e sociais da comunidade a qual pertencem. São as projeções e as formas mentais humanas que determinam a "metamorfose" das divindades, que acompanham, de maneira simbiótica, o desenvolvimento de seu povo e o surgimento de novos valores e hábitos comportamentais, morais e sociais.

Compreende-se, assim, o porquê das diferenças nos mitos de um mesmo Deus ou Deusa e os variados nomes a eles atribuídos".

Magia das Árvores

Quando batemos na madeira, usamos, sem saber, o vestígio de uma antiga crença no poder das Divindades das Árvores. Todas as culturas e tradições antigas acreditavam que as suas Divindades moravam nas florestas e nos bosques e que precisavam ser invocadas e “aduladas” antes de poder cortar uma árvore para fins utilitários (fogo, construção, ferramentas, queimadas para abrir estradas ou clareiras para pastos). A Europa antigamente era coberta de extensas florestas e um ditado popular dizia que “um esquilo podia atravessar toda a Inglaterra pulando de um galho para outro sem precisar descer para o chão”. As árvores eram consideradas sagradas e veneradas desde as mais remotas eras. Inúmeras árvores tinham significado religioso ou propriedades mágicas. Acreditava-se que as árvores, assim como os homens, erguiam-se como seres bipolares entre a terra e o céu, atraídos pela força da gravidade e pela energia do Sol. Na mitologia nórdica, Yggdrasil, a Árvore do Mundo, é o mais importante símbolo cosmológico. Representada pelo freixo, esta árvore atravessa os nove mundos (ou planos) e simboliza a vida, o tempo e o destino. Tem três raízes – uma espiritual, uma terrestre, uma infernal, com vários atributos e simbologias, - que sustentam a morada dos deuses, dos homens e das almas. Há três fontes que banham as raízes, uma delas guardada pelas Nornes – as Senhoras do Destino, outra pelo deus da Sabedoria e Memória – Mimir, e a terceira por um dragão. No mito grego, a árvore do Mundo era representada pelo Cadeceu, o bastão sagrado de Mercúrio recebido pelo deus Apolo. O bastão é circundado por duas serpentes e é coberto de folhas e frutos. Na tradição védica, encontram-se duas árvores – uma superior, outra inferior, citadas por Dante como duas árvores invertidas (correspondendo a uma essência e duas naturezas, o macrocosmo e microcosmo). Platão define o homem como uma planta celeste, uma árvore invertida, cujas raízes estendem-se para o céu e os ramos para a terra. Na Bíblia existe a parábola da árvore da vida e a do conhecimento. Na Babilônia, 5000



anos atrás, havia um festival especial para celebrar as árvores, que eram alimentadas ritualisticamente. Os povos nativos também tinham celebrações das árvores, costume retomado em 1872 no estado de Nebraska onde se instituiu o “Dia da Árvore”. Enquanto as antigas civilizações louvavam as árvores como morada dos deuses, os Celtas fizeram os bosques de carvalhos e suas “catedrais”, ali realizando seus rituais e celebrações. A destruição das florestas, iniciada pelos romanos, continuou ao longo dos séculos, culminando no mundo atual com a exploração desenfreada, a derrubada insensata e a população pelas chuvas ácidas. Existem árvores sagradas em várias culturas, o que nos remete ao nosso parentesco e similitude com o “Povo em Pé” (Standing Pole), como as árvores são chamadas pelos nativos norte-americanos. Entre elas, podem ser citadas a **acácia**, importante nas civilizações antigas, como símbolo da iniciação e imortalidade; o **álamo**, dedicado às deusas guerreiras e às almas dos guerreiros mortos em combate; a **amendoeira**, cultuada pelos cátaros como renovação e ressurreição; a **amoreira**, plantada os túmulos para evitar que os mortos surjam como fantasmas;

a **aveleira**, símbolo de abundância, paciência e obstinação, cultuada pelos druidas para garantir a prosperidade e a fertilidade da terra; o **baobá**, a maior e mais velha árvore do mundo, considerada o altar dos deuses e a árvore sagrada de muitas tribos na África; a **bétula**, correspondente ao solstício de verão, época que os gauleses faziam fogueiras e sacrifícios, colocando as oferendas ao seu redor, para impedir o desaparecimento do Sol; o **carvalho**, sinônimo de força e poder, confiança e respeito, meio de comunicação entre o céu e a terra. Debajo de sua proteção, eram feitos os rituais de iniciação, celebração e adoração dos celtas; e o **cipreste**, associado ao freixo. Venerado por sua longevidade e a sua cor verde persistente, preciosos auxílio aos viajantes, que confortavam os pés com sua resina. O culto à árvore foi uma manifestação do espírito religioso dos tempos primitivos e existiu até o fim do paganismo. Foi praticado por todas as raças que povoaram primitivamente a Ásia Ocidental e a Europa. Uma árvore era consagrada ao culto – ou por veneração tradicional ou pelo que se julgava ser uma expressa determinação divina.

Fonte: Almanaque Mágico. Ed. Forças Ocultas

Deusa Viva

Um informativo do Círculo de Mulheres
Teia de Thea

Expediente

Léa Beatriz, Andrea Boni,
Mirella Faur
Informações; (61)98233-7949
www.teiadethea.org
teiadethea@teiadethea.org

Próximos Rituais

18 de maio (sábado)
Plenilúnio: Celebração de **Ani**
*** Apenas para mulheres ***

21 de junho (sexta-feira)
Celebração do Solstício de **Litha**
*** Apenas para mulheres ***